



PITIOSE EQUINA NA REGIÃO DO ALTO SERTÃO DA PARAÍBA – RELATO DE CASO.

ANTONIELSON SANTOS (IFPB, Campus Sousa), SHEREZAID J. F. D. ROCHA (IFPB, Campus Sousa), FLAVIANE T. SOUZA (IFPB, Campus Sousa), FLORA F. O. T. ROCHA (CLINEQUI, Missão Velha), LUAN A. RODRIGUES (IFPB, Campus Sousa). VIVIANNE C. F. ROCHA (IFBAIANO, Campus Guanambi).

E-mails: antonielsonvet@gmail.com, sherezaid@gmail.com, flavianetelesvet@gmail.com, florafrotatr@gmail.com, luan.rodrigues@ifpb.edu.br, vivianne.rocha@ifbaiano.edu.br.

Área de conhecimento:(Tabela CNPq): 1.03.03.04-9 Medicina Veterinária/Recursos pesqueiros.

Palavras-Chave: Oomiceto; *Pythium Insidiosum*; Kunkers.

1. INTRODUÇÃO

O oomiceto *Pythium Insidiosum* é o agente responsável por causar uma doença inflamatória e possivelmente fatal conhecida como Pitiose, que afeta uma variedade de espécies animais e raramente humanos. A infecção ocorre principalmente em regiões de clima tropical, subtropical e temperado. O agente caracterizado pelo desenvolvimento de infecções móveis e zoósporos biflagelados aquáticos requer temperaturas quentes e úmidas para se reproduzir. Assim que são liberados no meio aquático, as formas infectantes fazem quimiotaxia com pelos e tecidos animais e penetram na pele por soluções de continuidade ou ainda pelo óstio folicular (RIBEIRO, 2022; BARBOSA, 2023).

A pitiose é descrita como uma doença granulomatosa, filamentosa, exsudativa e muito pruriginosa (LEAL et al., 2001). A espécie equina apresenta maior prevalência sem predisposição baseada em raça, sexo ou idade. As lesões ocorrem principalmente na porção ventral da parede abdominal e membros. As formas cutâneas e subcutâneas são as mais comuns em equinos. O prurido intenso e o risco de automutilação são duas características da doença (SILVA, 2021).

A doença apresenta evolução rápida, ulceração e se distingue pelo desenvolvimento de grânulos eosinofílicos formados por massa necrótica conhecidos como *kunkers* (RIBEIRO, 2023). Segundo Romero (2019), os *kunkers* são um achado patológico distinto na espécie equina, microscopicamente observa-se como áreas de necrose com número significativo de eosinófilos degranulados, colagenólise, fibrose e reação de Splendore-Hoeppli ao redor de hifas de *P. insidiosum*. A coloração com hematoxilina e eosina e ácido periódico de Schiff dificulta a visualização histológica das hifas, contudo a metenamina de prata de grocott as cora fortemente de forma positiva.

O objetivo deste trabalho é descrever um caso de pitiose em um equino demonstrando a eficácia da terapia empregada.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Um equino, fêmea da raça Paint Horse, com 6 anos de idade, pesando 434 Kg, atleta de vaquejada, foi atendida por veterinário autônomo no município de São João do Rio do Peixe, na anamnese a principal queixa foi um aumento de volume no peitoral e descreveu a presença de rugas no corpo do animal (Figura 1).

Segundo o proprietário o animal era alimentado a pasto, a água fornecida era oriunda de açude e poço artesanal da propriedade. O animal estava calmo e ativo durante a avaliação clínica, com temperatura de 37,5 °C, sem alterações nos linfonodos, e frequência cardíaca de 40 batimentos por minuto, demais parâmetros estavam dentro da normalidade para a espécie. O proprietário alegou que era comum observar o animal descansando e comendo dentro do açude onde há uma grande área de vegetação. Foram observados no animal claudicação, estado



nutricional desfavorável, desconforto, mucosas pálidas, prurido no local da lesão além de dor e desconforto a palpação da lesão.

Figura 1: Lesão em região peitoral pré e pós cirúrgico.



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O pastejo do animal em açude foi pensado como o principal fator predisponente para a ocorrência da doença. O diagnóstico definitivo de pitiose cutânea foi estabelecido com base nos achados clínicos e histopatológico. A lesão macroscópica apresentava a presença de *Kunkers* e na histopatologia foi possível observar imagens negativas de *Pythium insidiosum*. No semiárido norte, os fatores que aumentam a probabilidade de pitiose incluem a presença de água parada, a alta temperatura da água, a falta de forragem no período de seca, levando os animais a passar mais tempo ao redor e dentro dos aquíferos em busca de alimento (DO CARMO et al., 2015; PESSOA et al., 2014).

O tratamento instituído foi o tratamento cirúrgico, indicado nos casos onde há área para exérese cirúrgica de toda área afetada. Segundo Leal et al. (2001) o sucesso através de outras formas de tratamento é variável e sofre influência do tamanho da lesão, tempo de evolução, idade e estado nutricional do animal. No tratamento químico as drogas mais utilizadas descritas até o momento foram antifúngicos, a anfoterecina B, cetoconazole, miconazole, fluconazole e itraconazole, assim como também compostos iodínicos como iodeto de potássio e sódio. O uso de antifúngicos não utilizado nesse caso descrito, o uso de antifúngicos é controverso na literatura devido a ausência de ergosterol na sua membrana plasmática componente de ação da maioria das drogas antifúngicas. É necessário realizar pesquisas sobre novos protocolos de tratamento da doença, avaliando as respostas terapêuticas com técnicas de alta sensibilidade e especificidade a fim de gerar novas informações úteis à área.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Pitiose vem sendo considerada uma patologia frequente na região do Vale do Rio do Peixe, no estado da Paraíba. A capacidade no diagnóstico na identificação dos *Kunkers*, permitiu estabelecer um plano de tratamento cirúrgico eficaz com amplas margens para a recuperação total da lesão. Em casos em que a exérese cirúrgica não é possível pela pequena quantidade de musculatura adjacente a lesão é recomendado tratamento conservativo, no entanto, o tratamento pode ser longo, a intervenção cirúrgica se destaca pela rápida recuperação após a retirada da lesão. Um bom prognóstico está relacionado ao tamanho da lesão, área acometida, tempo de evolução, diagnóstico precoce e o protocolo terapêutico instituído.

5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, José D. et al. Pitiose cutânea em eqüídeos no Bioma Amazônico. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 43, p. e07167, 2023.

RIBEIRO, Rafaela Alves Ferreira et al. Pitiose em epiglote de equino (*equus caballus*) da raça mangalarga marchador-relato de caso. **Revista de Medicina Veterinária do UNIFESO**, v. 2, n. 01, 2022.

LEAL, A. T. et al.. Pitiose. **Ciência Rural**, v. 31, n. 4, p. 735–743, jul. 2001.

SILVA, Taiara Müller da et al. Caracterização das lesões vasculares na pitiose em cães e eqüídeos. 2021. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria.

ROMERO, Agustín et al. Pitiose equina em áreas úmidas do leste do Uruguai. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 39, p. 469-475, 2019.

PESSOA, A. F. A. et al. Skin disease of equidae in the Brazilian semiarid region. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 34, n. 8, p. 743-748, 2014.

DO CARMO, P. M. S. et al. Cutaneous pythiosis in a goat. **Journal of comparative pathology**, v. 152, n. 2-3, p. 103-105, 2015.